

## Mercado pode fazer a transição verde<sup>1</sup>

Martin Wolf<sup>2</sup>

Independentemente dos demais erros da economia, seu ponto de partida está correto: as pessoas realmente reagem a incentivos. Suponhamos que fontes renováveis gerem as tecnologias dominantes para o abastecimento de energia; suponhamos, em resumo, que seja mais lucrativo usar fontes solares ou outras fontes renováveis de energia do que combustíveis fósseis. As forças do mercado, então, impulsionariam a transformação das economias em direção da proteção ao clima por si mesmas.

Poderia, mesmo assim, ser necessário reduzir os custos do capital em países emergentes e em desenvolvimento. Poderia, mesmo assim, ser necessário acelerar a transferência de tecnologia. Mas o vento dos lucros lhes seria favorável. É esse o mundo em que vivemos? Se não for, como poderíamos criá-lo?

Começemos com uma premissa simples: se algo for lucrativo, acabará sendo feito. Os gestores de ativos poderão se desvencilhar de ações de empresas de combustíveis fósseis e os bancos poderão se recusar a financiá-las. Alguns investidores poderão se recusar a controlar ou a financiar empresas que fazem coisas que eles considerem ruins. Meu colega colunista, Stuart Kirk, tem razão em pensar que alguma outra pessoa virá então controlar e financiar essas empresas, desde que sejam lucrativas.

Esses agentes podem ser governos e empresas estrangeiros ou entidades privadas internas. A regulamentação poderá coibir algumas atividades. Mas a resistência política tende a dificultar a adoção dessa regulamentação - pensemos na discussão em torno da produção de combustíveis fósseis nos EUA. Além disso, as empresas petrolíferas vão defender seus interesses, como demonstraram na COP27 no Egito. Se alguém duvida do quanto é difícil interromper um ramo de atividade lucrativo, basta que dê uma rápida olhada na história da proibição às drogas.

O quanto, então, estamos próximos de tornar as fontes renováveis a tecnologia dominante para o fornecimento de energia? A resposta é a de que

---

<sup>1</sup> Artigo publicado no Valor Econômico. Disponível em:

<https://valor.globo.com/opiniao/coluna/mercado-pode-fazer-a-transicao-verde.ghtml>.

Acesso em 24 de novembro de 2022.

fizemos avanços notáveis. Mas eles não são suficientemente acelerados para serem transformadores dentro do prazo relevante, um prazo que se tornou cada vez mais curto em decorrência das últimas décadas de adiamentos.

A boa notícia é que, como mostra a Agência Internacional de Energia Renovável, ocorreu desde 2010 uma queda drástica do fator conhecido como “custo nivelado” [uma medida do custo líquido médio atual da geração de energia elétrica por um gerador ao longo de sua vida útil] da energia elétrica gerada a partir de fontes renováveis. Isso se confirma no caso da eólica captada em terra e em alto-mar, e mais ainda no caso da energia solar voltaica. Os custos estão agora na extremidade inferior da faixa de variação para a geração por meio de combustíveis fósseis ou são até inferiores a estes. Isso é potencialmente transformador.

A má notícia é que essa queda dos custos não foi suficientemente transformadora na velocidade suficiente. De fato, aumentou a participação das fontes renováveis na geração de energia elétrica. Na União Europeia (UE) ela alcançou 25% em 2021. Mas, no mundo como um todo, elas respondem por apenas 13%. Por outro lado, o total das emissões geradas por todas as fontes não caiu. Mas, para que o limite de 1,5°C sobreviva, o total das emissões tem de cair acentuadamente até 2030, principalmente na geração de energia elétrica.

Para que isso aconteça, tem de haver uma enorme expansão do uso do que a Agência Internacional de Energia (AIE) chama de “fontes de baixas emissões”, o grosso delas gerado por fontes renováveis, enquanto o uso pleno de combustíveis fósseis cai em um terço. É bom lembrar que isto tem de ocorrer nos próximos oito anos.

Não aconteceu nada em Sharm el-Sheikh capaz de sugerir que isso seja provável. Os motivos do ajuste relativamente lento às fontes renováveis até agora, apesar de elas terem se tornado mais competitivas, são muitos: o excedente de capacidade instalada de custo marginal baixo, não apenas em geração de energia elétrica como também em calefação, transportes e indústria; os custos de uma transição acelerada para alternativas; a resistência à perda do nível de atividade e do nível de emprego na produção, refino e distribuição; a resistência à construção de parques de captação de energia solar e eólica; a resistência em fazer os investimentos necessários em integração de sistemas; e as dificuldades em articular financiamento para países emergentes e em desenvolvimento, mas também para famílias em quase todos os países. Adiar tudo é pura inércia.

Com o crescente impulso dado pelas forças de mercado na direção certa, a questão é como acelerá-las. É por isso que, apesar do ceticismo em torno de tentativas de fazer com que empresas em busca de lucro tentem alcançar objetivos morais, fico satisfeito com o fato de essas mudanças desejadas estarem, pelo menos, alinhadas ao que os mercados estão dizendo com todas as letras: pode-se esperar colher bons resultados financeiros com ações pautadas pela ética.

Além disso, como argumenta o Panorama Energético Mundial da AIE, a par de ficarem cada vez mais baratas, as fontes energéticas renováveis elevam a segurança do abastecimento de energia. Sem dúvida, o vento e o sol vão variar ao longo do dia e de acordo com as estações. Mas Vladimir Putin não conseguirá barrar sua incidência. Para China, Europa e Índia, só para citar só três grandes participantes, o argumento a favor da segurança de abastecimento das fontes renováveis é incontestável.

Em linhas gerais, cinco mudanças de política pública precisam ser feitas ou fortalecidas: aumentar o investimento em pesquisa; aumentar os subsídios canalizados para a aplicação de novas tecnologias, com o objetivo de acelerar a aprendizagem de cada uma paralelamente à prática efetiva, bem como acelerar o investimento em tecnologias complementares; suspender os subsídios canalizados para os combustíveis fósseis, que totalizaram US\$ 700 bilhões em 2021, a não ser para a captura e armazenagem de carbono; lançar a precificação do carbono sob uma das várias formas possíveis, talvez sob a forma de evitar quedas potenciais dos preços da energia ao envidar os esforços necessários para promover sua plena absorção pelo mercado; e eliminar o risco do financiamento, principalmente aos países em desenvolvimento.

Nada disso é novo. Mas a política, sim, pode ser. Sem dúvida, o mundo falou muito mais do que fez. Sem dúvida, ele está muito atrás do que precisa estar. E sem dúvida, o mercado não vai gerar a transição necessária com a rapidez suficiente. Mas existe agora uma probabilidade significativa de gerar energia segura, garantida, limpa e barata para todos.

Além disso, essa possibilidade poderá gerar um surto de crescimento dos investimentos globais que absorveria a poupança excedente por um período prolongado. A transição energética deverá deixar de significar um suplício resignado para sempre, para passar a significar uma oportunidade que os políticos podem vender com sucesso. Eles deveriam se esforçar mais para promovê-la.

<sup>2</sup> Martin Wolf é editor e principal analista de economia do Financial Times (Tradução de Rachel Warszawski).